

“SÃO TUDO SAPATÃO”: LESBIANIDADES E HETERONORMATIVIDADE NO FUTEBOL/FUTSAL BRASILEIRO

Cláudia Samuel Kessler¹

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO: O presente artigo promove uma reflexão sobre lesbianidades no futebol/futsal, relacionado a práticas de esporte e lazer. Realiza-se uma análise a partir de dados etnográficos e bibliográficos em contextos de pesquisas brasileiras. Num primeiro momento, tem-se uma análise histórica sobre mulheres, lesbianidade e heteronormatividade. Posteriormente, são apresentadas pesquisas que abordam lesbianidades nas práticas esportivas e de lazer. Por fim, conclui-se que o futebol/futsal pode ser um espaço e tempo para a visibilização de práticas sexuais não normativas.

Palavras-chave: Futebol. Mulheres. Feminilidade. Lesbianidade.

“THEY ARE ALL DYKES”: LESBIANITIES AND HETERONORMATIVITY IN BRAZILIAN FOOTBALL/FUTSAL

ABSTRACT: This article promotes a reflection on lesbianities in football/futsal, related to sports and leisure practices. An analysis is carried out based on ethnographic and bibliographic data in Brazilian research contexts. At first, there is a historical analysis of women, lesbianity and heteronormativity. Subsequently, researches that address lesbianity in leisure and sports practices are presented. Finally, it is concluded that football/futsal can be a space and time for the visibility of non-normative sexual practices.

Keywords: Football. Women. Femininity. Lesbianity.

“SON TODAS TORTILLERAS”: LESBIANIDADES Y HETERONORMATIVIDAD EN EL FÚTBOL BRASILEÑO / FUTSAL

RESUMEN: Este artículo promueve una reflexión sobre las lesbianas en el fútbol/fútbol sala, relacionadas con las prácticas deporte y de ocio. Se realiza un análisis a partir de datos etnográficos y bibliográficos en contextos de investigación brasileños. En un primer momento, hay un análisis histórico de la mujer, lesbianidades y la heteronormatividad. Posteriormente, se presentan investigaciones que abordan el lesbianidad en las prácticas deportivas y de ocio.

¹ Doutora em Antropologia Social (UFRGS), organizadora do livro "Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol" (Ed. UFRGS) e co-organizadora do livro "As mulheres no universo do futebol brasileiro" (Ed. UFSM). Email: jornalista24h@hotmail.com

Finalmente, se concluye que el fútbol/fútbol sala puede ser un espacio y tiempo para la visibilidad de prácticas sexuales no normativas.

Palabras-clave: Fútbol. Mujeres. Feminidad. Lesbianidad.

Introdução

A partir dos entendimentos sobre interseccionalidade trazidos por Kimberlé Crenshaw (1989), as pesquisas acadêmicas brasileiras passaram a considerar os diferentes marcadores sociais da diferença (raça/etnia, classe, gênero, sexualidade, corporeidade, geração, entre outros) que se entrelaçam na composição dos sujeitos. Neste sentido, escrever sobre lesbianidades² é a possibilidade de refletir sobre uma das possíveis dimensões que afetam a vida das mulheres que se engajam em práticas esportivas e de lazer. Embora práticas de lazer e práticas esportivas sejam diferentes do ponto de vista dos contextos, dos significados e das finalidades, me furtarei de realizar aqui um aprofundamento sobre essas distinções, o que poderá ser realizado em uma outra produção. De maneira geral, pode-se entender que as práticas esportivas são bem mais reguladas e associadas ao rendimento, enquanto as práticas de lazer são mais abertas à adaptação, improviso e imaginação. Embora a orientação sexual não seja um empecilho para a prática de atividades físico-esportivas em si, pode-se perceber que existem entraves de ordem social, principalmente com a demonização de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Expressar-se de forma diferente da heterossexualidade é algo que implica a visibilidade de desejo/afeto a partir de atitudes ou até mesmo pela expressão de subjetividades desviantes. É importante ressaltar que, para além do binômio hetero/homo, temos outras expressões do desejo, tais como bissexualidade, pansexualidade e até mesmo a assexualidade.

Neste artigo, quando faço referência a mulheres, gostaria de esclarecer que considero mulheres cis³ e trans. Conquanto as futebolistas (em sua grande maioria cis) estejam respirando ares de profissionalização, os debates relacionados a mulheres trans ainda são tímidos e se referem, por vezes, apenas ao ingresso da prática esportiva no gênero com o qual se identificam. Sabe-se que, principalmente em atividades competitivas, as mulheres trans sofrem diversos preconceitos relacionados à identidade de gênero, pois envolvem questões referentes à hormonização, ao uso de banheiros e ao uso correto do nome social e seus pronomes (CAMARGO, KESSLER, 2017)⁴.

Alguns dos trabalhos que aqui serão revisitados se referem a práticas esportivas de lazer. Nesse sentido, pontua-se que embora a categoria "lazer" seja corriqueiramente

² Utilizo o termo lesbianidade para se adequar ao sufixo utilizado para demais formas de expressão do desejo, tais como heterossexualidade, bissexualidade e pansexualidade.

³ *Cis* e *trans* são expressões aqui empregadas para me referir a cisgeneridade e transgeneridade.

⁴ Especificamente em relação ao futebol, apenas em 20 de dezembro de 2020 foi realizada a primeira partida no futebol profissional brasileiro com uma jogadora trans: Sheilla Souza, lateral-direita de 21 anos que atua pelo Desportiva Lucasa, clube de Camaçari/BA (GARCIA, 2020).

empregada com sentido de tempo de “não trabalho”, existem autores como Magnani (2018) que apreendem esse termo a partir de múltiplos significados. Em vez de realizar um enquadramento em dicotomias promovidas entre tempo de trabalho e tempo de lazer/“livre”/ “disponível”, Magnani (2018) privilegia uma dimensão cultural. A partir de Magnani (2018), pode-se entender que no lazer as pessoas “inventam”, criam, sustentam, acomodam, “impõem” determinados sistemas de valores e normas, por vezes alinhadas ao sistema social em larga escala, mas também em contraposição, construindo redes de vivências relativamente particulares⁵, nas quais elas encontram caminhos para construir suas experiências afetivas e sexuais. Gomes (2014) ressalta que nem sempre as experiências de sociabilidade possuem o rótulo de “lazer” nos contextos em que aparecem. Essas práticas sociais podem ter significados e sentidos próprios para os sujeitos que as vivenciam ludicamente, seja visando ao descanso, ao divertimento ou ao desenvolvimento pessoal. De acordo com Gomes (2014), o lazer também é política, podendo promover mudanças sociais e pessoais, bem como (re) elaborar valores sociais.

Fazer política nesta direção implica enfrentar as causas de situações complexas como as desigualdades sociais, os conflitos armados, a marginalização, a destituição dos direitos sociais, a precarização do trabalho, o racismo, o sexismo e as distintas formas de discriminação, preconceito e violência que marcam profundamente o nosso contexto e que interferem em nossos lazes (GOMES, 2014, p. 16).

É neste sentido que aqui serão analisadas algumas pesquisas que falam sobre a lesbianidade/homossexualidade na prática do futebol/futsal no Brasil, como uma manifestação também política, porque publiciza afetos e desejos que geralmente são invisibilizados (e inviabilizados) em diferentes espaços públicos. Antes de iniciar a próxima seção, gostaria de esclarecer que o uso de “futebol/futsal” em nada pressupõe que sejam sinônimos. Embora esses modos de jogar tenham regras e organizações próprias, ambos são praticados com os pés, dentro de circuitos de práticas físico-esportivas que envolvem convites frequentes para ambas as modalidades, que podem ser praticadas de maneira intercambiável pelas jogadoras (conforme suas disponibilidades).

O presente artigo está estruturado em três partes, sendo que a primeira aborda a heteronormatividade e a lesbianidade; a segunda seção apresenta pesquisas sobre lesbianidades e práticas esportivas e de lazer no futebol/futsal. A última seção traz as considerações finais deste artigo, reforçando que o futebol deve ser percebido como um espaço plural, de diversas expressões políticas, sociais, culturais e sexuais.

⁵ Complementarmente, Gomes (2014, p. 9) afirma que: “[...] reconhecer o lazer unicamente por meio da existência de uma palavra ou de um conceito seria um encaminhamento restrito e insuficiente quando se considera o desafio de problematizá-lo e compreendê-lo de modo situado, isto é, levando em conta algumas das peculiaridades históricas, culturais, sociais, políticas, éticas e estéticas, entre outras, que expressam diversidades e singularidades locais”.

Homossexualidade e mulheres: Lesbianidades

A prevalência social de relacionamentos heterossexuais e monogâmicos na sociedade ocidental pode ser melhor percebida a partir de uma perspectiva historiográfica. Neste sentido, Borillo (2016, p. 48) apresenta argumentos sobre as influências da tradição judaico-cristã para a "[...] crença na qualidade natural e a moralidade das relações heterossexuais monogâmicas", informando que as prescrições sexuais visavam garantir a sobrevivência demográfica e a conservação cultural da sociedade patriarcal. Borillo (2016) reforça que as punições a homossexuais se intensificaram no período da Peste Negra (no século XIV, com a perda de mais de um terço da população europeia) e se arrefeceram após a Revolução Francesa (com os ideais iluministas e a luta pelas liberdades individuais).

De acordo com Borillo (2016), a hostilidade religiosa contra sodomitas foi revigorada por um discurso pseudocientífico calcado no poder coercitivo das ciências médicas e psi, desde o século XIX, que categorizaram a homossexualidade como doença mental. Conforme Oliveira (2015), dentre as indicações de cura para tais comportamentos desviantes (considerados como práticas sexuais invertidas e inaceitáveis) estavam a educação e o matrimônio. Em vez da erradicação das lésbicas⁶, buscou-se, portanto, sua adaptação ao modelo monogâmico heterossexual, considerado como único modelo legítimo. Em termos históricos, a partir do final dos anos 1960, num contexto revolucionário de contracultura, a lesbianidade passou a ser menos patologizada. O ápice desse entendimento e um dos marcos para a despatologização da homossexualidade aconteceu em 1990, com a retirada da categoria "homossexualismo" do Catálogo Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Para Soares e Costa (2012), o movimento feminista teve papel importante na defesa da sexualidade e do direito ao prazer sexual das mulheres, principalmente por reivindicar a liberdade sexual e criticar os mecanismos de controle e violência contra esses corpos. Entretanto, a visibilização de uma orientação sexual dissidente precisa também ser negociada dentro do movimento social feminista, pois, conforme Meinerz (2013, p. 64): "Para que a sociedade ouça as reivindicações das feministas, elas devem se portar como heterossexuais. Já para as feministas tolerarem em seus espaços de discussão as mulheres lésbicas, elas devem permanecer femininas".

A partir da segunda onda do feminismo, a realização de debates sobre a esfera pessoal, envolvendo temas como sexualidade e direitos sexuais, permitiu um maior questionamento sobre a norma heterossexual (LINO, 2019). Devido a uma forte ligação com o movimento feminista e com o movimento homossexual, as lésbicas conseguiram mais espaços na sociedade. Desde os anos 1980, o movimento de lésbicas se tornou

⁶ Especificamente em relação às lésbicas, Oliveira (2015) informa que a punição de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo existiu no Brasil Colônia. No século XVI as sentenças incluíam açoites e degredos, mas na prática essas punições não foram tão intensas quanto em Portugal. A Igreja católica, enquadrava essas práticas como "sodomia imperfeita", tipologia de menor gravidade, que foi punida até a metade do século XVII.

mais visível no feminismo brasileiro e começou a se articular. Nos anos 1990, houve o fortalecimento de grupos e núcleos, com ativistas lésbicas militando e ampliando sua visibilidade. A inserção de lésbicas também no meio acadêmico trouxe reflexões sobre a heterossexualidade e a maneira como ela é socialmente imposta.

A heteronormatividade influencia não apenas as vivências das mulheres (lésbicas ou não), mas a constituição de seus projetos futuros. De acordo com Soares e Costa (2012), a heteronormatividade está relacionada com a naturalização da heterossexualidade e uma ligação obrigatória entre sexo e reprodução. A heteronormatividade legitima práticas sexuais que reforçam a instituição familiar como forma de vida coerente, desejada e natural. A heteronormatividade não se restringe a uma obrigatoriedade para que as pessoas sejam heterossexuais (o que Adrienne Rich (2010)⁷ entendia como heterossexualidade compulsória), mas principalmente para que se aparente ser heterossexual. Dessa forma, a heteronormatividade é uma estrutura de poder que reafirma a binariedade, tanto em casais heterossexuais como em homossexuais. Junto a outras formas de poder, tais como o racismo e o machismo, a heteronormatividade perpetua o privilégio de determinados grupos na sociedade, hierarquizando os sujeitos. Conforme Toledo e Teixeira Filho (2010), são mais aceitos os estereótipos de lésbicas que se adequam aos padrões estéticos e às imagens apresentadas na pornografia; mulheres apresentadas como domesticadas, aproximadas à imagem heterossexualizada, sem romper com padrões hegemônicos. Toledo e Teixeira Filho (2010), apresentam o modelo heteronormativo da seguinte forma:

A heteronormatividade diz respeito ao sistema de organização da sociedade que pressupõe a heterossexualidade como normal e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades. Deste modo, as normas definidoras da sexualidade "normal" requerem o casal formado por um homem e uma mulher, afetivo-sexualmente complementares, opostos em seus papéis sociais e sexuais – tidos pelo aqui criticado paradigma naturalista, como inerente a cada um dos sexos –, monogâmicos e, preferencialmente, dentro de instituição do casamento (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 730).

Para adequar-se às normas de gênero, é preciso saber quais são, e somos a todo o momento informados(as) sobre elas. No futebol brasileiro, por exemplo, as feminilidades são constantemente negadas e inferiorizadas, seja nas práticas torcedoras ou na atuação profissional (BANDEIRA; SEFFNER, 2018). Entretanto, devemos atentar para o uso da expressão "feminilidade" como característica homogênea, aplicada igualmente a (todas as) mulheres, sem considerar sua pluralidade, variação regional, temporal, cultural e sem sequer considerar sua presença em corpos de homens

⁷ Rich (2010) escreve um ensaio em que questiona a heterocentricidade e se posiciona contrária ao apagamento lésbico promovido pela literatura acadêmica. Rich (2010, p. 19) compreende que a heterossexualidade é "uma instituição política que retira o poder das mulheres". Neste sentido, pode-se entender que "[...] a heterossexualidade não é apenas uma 'orientação sexual', mas um modelo político que organiza a vida dos sujeitos e se impõe por meio de violências físicas e simbólicas [...]" (SOARES; MOURÃO, 2017, p. 88).

"afeminados". A feminilidade como entidade representativa e atemporal, mais próxima de uma feminilidade que poderíamos chamar de normativa, convencional ou tradicional, tem uma estabilidade ficcional constantemente reforçada.

Enquanto na sociedade brasileira encontrarmos racismo e LGBTfobia, no futebol também encontraremos essas manifestações preconceituosas. Veja-se, por exemplo, o caso de racismo sofrido pelo goleiro Aranha; ou ainda os protestos e revolta de torcedores após Emerson Sheik, do Corinthians, dar um selinho em outro homem. Os torcedores corintianos carregaram faixas com dizeres "Vai beijar a PQP. Aqui é lugar de homem" (FABER, 2013).

É inevitável perceber o pioneirismo do futebol de mulheres em propiciar visibilidade a orientações sexuais não normativas, com exemplos esportivos de lésbicas e bissexuais auxiliando a quebrar tabus relacionados às sexualidades dissidentes. A lesbianidade no esporte é uma temática um tanto recente na mídia⁸ e a jogadora Cristiane Rozeira, que joga como atacante, jogadora da seleção brasileira por mais de quinze anos, se posicionou da seguinte forma:

Fora do Brasil nunca soube sofrer preconceito. Aqui, óbvio que existem algumas ofensas, mas diminuiu bastante nos últimos tempos. Eu acho que as pessoas hoje têm um cuidado maior porque dependendo do jeito que você fala ou ofende alguém isso pode gerar um problema muito maior. (...) Ser lésbica no esporte nunca foi um empecilho no meu trabalho (UNIVERSA, 2019).

Conforme Pires (2019), dentre as atletas profissionais de futebol que expõem publicamente seus relacionamentos com outras mulheres estão as atacantes Marta (eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA) e Debinha, bem como a goleira Bárbara Micheline⁹. No exterior, tem-se a estadunidense Megan Rapinoe, a inglesa Sam Kerr, entre outras. Percebe-se, portanto, uma gradual aceitação dos relacionamentos homoafetivos no futebol de mulheres, o que impacta na representatividade e visibilidade das jogadoras lésbicas e bissexuais. O mesmo, entretanto, não se pode dizer do futebol de homens, extremamente avesso às manifestações de afeto e desejo expressadas exclusivamente entre homens.

Acostumadas a superar barreiras, devido a questões estruturais do futebol ou por questões sociais e empecilhos familiares, as jogadoras brasileiras adentram ao futebol e

⁸ Em relação a mulheres lésbicas na mídia esportiva, sabe-se que conforme matéria da ESPN (2013), a perseguição a futebolistas lésbicas iniciou em 2011, quando a técnica Eucharia Uche haveria retirado jogadoras da equipe. Em 2013, a Fifa investigou a Associação de Futebol da Nigéria para averiguar denúncias sobre a proibição de lésbicas em sua equipe. Deve-se lembrar que a homossexualidade é considerada crime naquele país. No Brasil, há alguns exemplos de atletas brasileiras que falaram para a mídia sobre sua sexualidade não-normativa: Em 2012, Larissa França, jogadora de vôlei de praia, interrompeu a carreira para tentar ser mãe e em 2013 falou sobre seu relacionamento com a também jogadora de vôlei de praia Liliane Maestrini. Em 2015, a ex-atleta de ginástica Laís Souza falou: "Eu tenho uma namorada, sou gay há alguns anos. Já tive uns namorados, mas hoje sou gay" (ESTADO DE SÃO PAULO, 2015). Ao menos desde 2016 há matérias veiculadas sobre o relacionamento de Carol Gattz, ex-central da seleção brasileira de vôlei com a jogadora Ariele Ferreira.

⁹ Para acessar outra produção acadêmica sobre lesbianidade e futebol de mulheres, leia Kessler (2019).

trazem a diversidade a reboque. Por se tratar de um tema complexo, ainda é restrita a quantidade de pesquisas sobre essas sexualidades dissidentes no futebol, conforme será apresentado na próxima seção.

Estudos sobre lésbicas em práticas de esporte e lazer

Realizar estudos que envolvam sexualidade e práticas relacionadas a desejo/prazer exige bom senso, respeito e o estabelecimento de laços de confiança. Não é sempre que as pessoas estão dispostas a revelar publicamente aspectos que envolvam suas intimidades. Dessa forma, deve-se ter em mente que o interesse de interlocutores(as) deve estar sempre em primeiro lugar e ser respeitado. Não entender isso e forçar que as pessoas abordem temáticas sensíveis, pode levar a situações em que pesquisadores(as) sejam vistos(as) como pessoas indesejadas, bisbilhoteiros(as) ou intrometidos(as).

Os contextos das pesquisas aqui apresentadas são resultantes de experiências brasileiras, ou seja, de um contexto ocidental, capitalista e urbanizado. As pesquisas aqui revisitadas foram intencionalmente selecionadas por abordarem as lesbianidades, ainda em crescimento no meio acadêmico. Em sua maioria, os estudos sobre futebol no Brasil enfocam temáticas alinhadas às produções já estabelecidas. Com o aumento do interesse no futebol de mulheres, surgem temáticas inovadoras ou que antes eram evitadas.

As pesquisas aqui apresentadas foram realizadas em diferentes contextos sócio-históricos, algumas inclusive antes da decisão do STF em favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo (em 2013). Os textos aqui apresentados são, ao meu ver, significativos para a abordagem desta temática e auxiliam na compreensão e problematização do futebol/futsal de mulheres.

Quando se trata de explicitação das lesbianidades, é preciso atentar à necessidade de estabelecer uma relação de confiança com o grupo de interlocutoras. A exemplo disso, Salvini, Souza e Marchi Júnior (2015) apresentam dados de uma pesquisa realizada na cidade de Curitiba/PR, com 15 visitas a treinamentos. Os autores destacam que, em um determinado momento, a “informante 2” se refere à companheira da “informante 1” como prima. O desconforto em relação à publicização da orientação sexual era evidente, evitando a exposição de informações de foro íntimo com pessoas com as quais não se tinha intimidade/reciprocidade.

Conforme expõe Meinerz (2013), está claro que mulheres lésbicas gerenciam de maneira estratégica a visibilidade de relações homoeróticas, expondo-se menos à vigilância normativa e possíveis fofocas. Também pode-se agregar a essa invisibilização uma forma de proteção em relação a situações de preconceito e violência. Entende-se, portanto, que

simultaneamente ao florescimento dos movimentos lésbicos, da proliferação de afirmações identitárias em torno da lesbianidade nos grandes centros

urbanos, muitas mulheres ainda preferem que suas relações sexuais e afetivas com outras mulheres passem despercebidas (MEINERZ, 2013, p. 61).

Visibilizar ou não é uma escolha individual de cada interlocutor(a), que deve ser respeitada a partir de princípios éticos. Deve-se pontuar que o uso de estratégias de discrição não é algo exclusivo das mulheres, tendo em vista que no futebol profissional brasileiro de elite não há, até o momento da elaboração deste artigo, nenhum jogador que tenha visibilizado uma orientação sexual que não seja a heterossexual.

Embora o mercado de compra e venda de jogadoras ainda seja incipiente no Brasil, assim como a profissionalização das mulheres no futebol, elas precisam lidar com a imagem pública e recomendações, tanto em relação à estética apresentada como em relação a demonstrações públicas de afeto.

O incentivo por parte dos dirigentes e a aceitação e incorporação da representação de feminilidade por parte das jogadoras, segue a lógica de espetacularização dos corpos femininos no mercado, de modo a contrabalançar estigmas homofóbicos presentes nessa prática esportiva, e veicular uma 'nova cara' do futebol feminino brasileiro nos meios de comunicação [...] (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 565).

Em sua tese de doutorado, Pisani (2018) realizou uma etnografia com cinco equipes de futebol da capital paulistana, compreendendo o estabelecimento de redes de apoio e de solidariedade. Conforme a autora, a sexualidade no futebol é uma temática que precisa ser abordada com delicadeza e cuidado, e por isso optou por alterar o nome de atletas e não localizá-las geograficamente. Dessa maneira, evitou que as futebolistas tivessem problemas de ordem familiar e/ou financeira. Dentre os lugares de flerte/pegação que foram citados pelas jogadoras estavam churrascos na casa de colegas de equipe, vestiários e competições. Pisani (2018) entende que o futebol propicia às jogadoras uma rede de afetividades e sociabilidade lésbica, o que fornece uma sensação de segurança e a possibilidade de experimentações sexuais e afetivas que extrapolam a lógica heterossexual.

Não se pode negar que o espaço de prática do futebol/futsal também pode ser um ambiente para estabelecer contatos afetivo-sexuais. Mulheres de diversas orientações sexuais se encontram com outras pessoas e estabelecem contatos com beijos, abraços, "hi-five", tapinhas, toques em variadas partes do corpo, dentro e fora de quadra. Os contatos também podem ser mais "duros" e menos amistosos, como um empurrão, uma trombada, uma tranca, uma solada, um carrinho, entre outros. A mediação dos contatos físicos é importante, na medida em que não haja nenhum tipo de abuso, seja dentro ou fora de quadra.

Para homens e mulheres, o futebol serve como espaço de homossociabilidade, em que pessoas do mesmo sexo sociabilizam, conversam, riem, trocam informações. Em anotações de diário de campo de pesquisa que realizei em Porto Alegre entre 2011 e

2012, pude perceber que a presença de homens era muito marcante, tanto com o intuito de dar segurança às jogadoras (como nos deslocamentos) como na assistência de jogos (para demonstrar apoio ou por curiosidade em relação à habilidade técnica das futebolistas). Raramente um jogo de mulheres era composto exclusivamente por mulheres, dentro e fora de quadra. Em algumas situações, era necessário pedir (ou até mesmo insistir), para algum homem ou menino “jogar para completar”¹⁰.

É importante entender que havia diversos interesses nesses espaços. Enquanto para algumas futebolistas aquele era o tempo de construir uma carreira (ainda improvável, tendo em vista a falta de constituição de um mercado), para outras era apenas uma diversão/passatempo (um espaço para brincar e se divertir, mesmo que dentro de certos níveis de competitividade) ou um espaço para sociabilizar. Neste sentido, é importante pontuar que os capitais (econômicos, sociais, futebolísticos) circulantes nos diferentes espaços da capital rio-grandense também eram diversificados.

Em Porto Alegre, apesar da possibilidade de estabelecimento de espaços de sociabilidade, nem sempre as participantes tinham o objetivo de estabelecer laços mais profundos com as outras pessoas presentes. Para algumas era um momento para “aliviar o stress” semanal. Gritavam, corriam, chutavam, mas chegavam bem próximo ao início e saíam logo depois de finalizada a partida, sem conversar sobre questões pessoais. Entretanto, para outras jogadoras, o futebol/futsal era o motivo ideal para que pudessem beber algo e ir para algum lugar conversar depois do jogo. Era também um espaço para estabelecer parcerias afetivo-sexuais¹¹.

As questões relacionadas à sexualidade ficam mais explícitas na monografia de Oliveira (2008). A autora apresenta o resultado de 35 questionários preenchidos em 2007 por jogadoras de equipes universitárias de alto rendimento, ex-atletas e mulheres que praticavam o esporte por lazer, com idades entre 17 e 29 anos. Dentre os relatos, destaca-se o de uma jogadora que afirmou que: “dentro de quadra acontecem situações em que fica evidente a homossexualidade, isso por experiência pessoal em jogos por lazer e até mesmo em competições, visto que existe o assédio, as 'cantadas' por parte de outras mulheres” (OLIVEIRA, 2008, p. 37). De forma complementar, a partir de dados etnográficos de Porto Alegre, pode-se acrescentar que nos espaços de prática físico-esportiva, o assédio não era realizado apenas por mulheres, tendo em vista que nesses espaços havia homens que também elogiavam, flertavam ou faziam convites para as jogadoras.

¹⁰ Em Kessler (2010) essa expressão é empregada para se referir aos momentos em que outras pessoas eram convidadas a integrar os jogos para que se tivesse número par ou para que o jogo ficasse mais dinâmico.

¹¹ Embora a sexualidade e busca por parcerias afetivo-sexuais possam influenciar na escolha por um grupo ou outro, nem sempre essa temática se torna objeto de pesquisa ou é explicitada em produções acadêmicas. Por exemplo, o estudo de Souza *et al.* (2017), em 2011 realizou 10 entrevistas com jogadoras de uma equipe amadora de futsal de Cachoeirinha/RS, com idades entre 13 e 46 anos, que praticam a modalidade por hobby. Dentre os motivos citados para a realização da prática, citaram: o gosto pelo futsal, diversão, encontrar amigos(as), aliviar estresse e manter a saúde. Embora tenham sido apresentados relatos de jogadoras quanto a preconceitos referentes à lesbianidade, não foram mencionadas questões relativas ao interesse da prática para encontrar parcerias amorosas e sexuais.

Em 2011, a lesbianidade ainda gerava constrangimento principalmente quando se pensava no futebol como um produto, no cenário porto-alegrense. A evidenciação de (homo)sexualidade e expressões de gênero não normativas, parecia dificultar a promoção da modalidade e eram consideradas indesejáveis. Não eram raros os posicionamentos contrários à visibilização de desejos e afetos entre mulheres, inclusive por lésbicas que introjetavam o discurso heterossexista. Era também comum o uso da expressão "opção sexual" (em vez de orientação sexual). Entretanto, era frequente perceber mulheres de mãos dadas, trocas de carícias e expressões de gênero diferenciadas, tais como o uso de camisetas e calções largos, bonés virados para trás, cabelos curtos e raspados. Neste sentido, considero importante trazer alguns dados de questionários respondidos por 85 jogadoras de Porto Alegre e região em um torneio de verão, no início de 2012:

Em relação à orientação sexual das jogadoras que responderam à enquete na capital rio-grandense, 57,14% se definiram heterossexuais; 20,24% preferiram não responder; 17,86% se disseram homossexuais e 4,76% bissexuais. A percentagem de jogadoras que preferiram não responder à questão foi bastante alta, o que pode indicar que o tema permanece um tabu. Falar sobre a sexualidade é uma questão de foro íntimo e possui consequências em relação a oportunidades e relações estabelecidas com os demais agentes. A visibilidade da orientação sexual não é livre de julgamentos por parte dos agentes sociais, beneficiando o silêncio de sexualidades desviantes, ou seja, diferentes da heteronormativa. Outra questão importante de pontuar é que essas mulheres também se distanciavam da noção de maternidade, pois a maioria delas não tinha filhos (78,57%) (KESSLER, 2015, p. 296).

A partir dos dados apresentados, pode-se perceber que uma grande percentagem das futebolistas não quis revelar suas orientações sexuais e a maior parte delas não exercia a maternidade. Não cumprir com as expectativas sociais ligadas à maternidade é uma fuga de papéis sociais impostos, que pode existir em caráter permanente ou temporário. O casamento e a família nuclear são algumas das instituições que constituem o sistema heteronormativo. Deve-se entender, portanto, os impactos de uma heterossexualidade vista como forma de relacionamento legítimo e mais aceito na sociedade. Conforme Spargo (2017, p. 42), "a heterossexualidade compulsória se instala no gênero por meio da produção de tabus contra a homossexualidade, o que resulta em uma falsa coerência entre gêneros aparentemente estáveis ligados aos sexos biológicos adequados".

Embora a lesbianidade seja entendida por parte da sociedade como uma expressão sexual anormal ou ininteligível, é nos espaços de práticas de lazer e esporte que algumas mulheres se sentem confortáveis para se expressarem de maneira mais livre. O futebol pode ser entendido como espaço de expressão contra-hegemônica, com diminuição dos impactos da espetacularização e da feminilidade tradicional.

Reconhecer a existência lesbiana é rever todo o sistema heteronormativo e androcêntrico, é desconstruir o sistema de sexo binário e ir além do sexo, pois podemos pensar os modos de vivenciar o prazer, a sexualidade e as relações afetivo-sexuais não como baseadas na natureza ou na biologia, na masculinidade genitalizada, ou mesmo como determinismos culturais, mas produzidas, construídas, e, exatamente por isso, múltiplas e passíveis de mudança (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2020, p. 746).

As expressões “lésbica” ou “homossexual” são carregadas de muitos significados e, portanto, são ocultadas em alguns espaços. Na pesquisa de Jardim (2013), realizada com uma equipe universitária de Bauru/SP, as jogadoras não explicitavam em seus discursos a questão sexual nas suas respostas, embora se referissem às lésbicas. A lesbianidade era um não-dito, ou seja, expressão carregada de interdições sociais, ainda um tabu. Em Porto Alegre, em algumas conversas as jogadoras também afirmavam por exemplo que “ela é” ou “não, acho que ela não é”, ocultando a expressão “lésbica” em seus enunciados.

Na pesquisa de Rosa *et al.* (2020) foram entrevistadas 47 ex-atletas e praticantes de futebol em Camapuã/MS e Campo Grande/MS, com idades entre 18 e 46 anos. Rosa *et al.* (2020, p. 206) identificaram que “[...] o futebol pode ser um espaço de expressão e legitimidade da sexualidade lésbica. Nele, as mulheres homossexuais podem se sentir mais à vontade e acolhidas em sua expressão sexual, visto que socialmente esse já é considerado um espaço de mulheres lésbicas”.

Em pesquisa etnográfica, realizada entre 2006 e 2007, com uma equipe de futsal de Porto Alegre, Silveira e Stigger (2013) buscaram compreender o associativismo entre as jogadoras. Os pesquisadores identificaram o preconceito de jogadoras em relação à expressão de gênero. Mulheres com aparência e trejeitos entendidos socialmente como mais masculinos não eram aceitas pela maioria do grupo, embora não houvesse preconceito explícito em relação à lesbianidade. As jogadoras entendiam que a associação com o masculino gerava uma rotulação negativa. Dessa forma, embora houvesse rompimento com alguns aspectos hegemônicos, aproximavam-se das noções de feminilidade socialmente esperadas, visando diminuir os preconceitos em direção ao grupo e “não favorecer a exclusão” de mulheres que não fossem homossexuais.

Ao longo de meu trabalho de campo em Porto Alegre, escutei expressões de desprezo que utilizavam a expressão “sapatão”. Em um jogo pelo campeonato estadual, a mãe de uma jogadora falou “que raiva daquela véia (sic) sapatão. Coça o saco, cospe no campo” (KESSLER, 2015, p. 287), se referindo a uma veterana de cabelo curto que tinha um estilo de jogo violento, integrante da equipe adversária. A mãe, ao final do jogo, fez outra consideração: “É um homem, tem aperto de mão forte”, voltando a repudiar a associação daquela mulher ao universo do que considerava como masculino (a força). Em outro jogo, dois pais conversavam e um exclamou “São tudo sapatão!” e disse que não queria a filha jogando com “aquelas sapatonas lá” (KESSLER, 2015, p. 288). A sexualização das performatividades de gênero é uma redução simplista, mas eficaz, pois

informa que confrontar os parâmetros estabelecidos para a heteronormatividade e a cisgeneridade é confrontar mecanismos de poder voltados à disciplina das práticas, da expressão e dos corpos.

Silveira e Vaz (2014, p. 216), a partir de uma leitura da autora pós-estruturalista Judith Butler, com o conceito de "matriz heterossexual", informam que "insultar as mulheres que fogem ao padrão heteronormativo e estereotipar as atletas 'não femininas' como lésbicas, por exemplo, mostra como o sexo é situado como gênero e como este se situa como sexualidade". Entende-se, portanto, que existe uma feminilidade tradicional que é constantemente reiterada, favorecendo o apagamento de mulheres que não se adequam a essa estética. É comum a associação entre uma estética diferente (que foge da regra) com a lesbianidade, pressuposto que nem sempre é confirmado em relação às práticas sexuais das participantes. Essas pressuposições, em parte, reforçam a necessidade de adequação das mulheres (lésbicas ou não) à feminilidade tradicional, para que assim sejam mais aceitas na sociedade.

São frequentes as tentativas de apagamento de expressões de gênero dissidentes. Neste sentido, em relação ao futebol, muitas atletas são incentivadas (por parentes, mídia, patrocinadores ou dirigentes) a se adequarem a padrões de feminilidade tradicional, principalmente as de alta performance (KESSLER, 2015).

De acordo com Silveira e Vaz (2014, p. 219), "[...] as mulheres que não se conformam com as expectativas da feminilidade convencional são temidas e mal tratadas". Os autores complementam afirmando que há uma preocupação com a masculinização, pois ela proporciona rompimento com a matriz heterossexual. Apresentar músculos grandes, seios pequenos, cabelos curtos, entre outras características, podem gerar dúvidas, receio, instabilidade. Essa subversão não passa despercebida, e com frequência é perseguida, punida e regulada¹². Em relação à adequação a padrões de beleza e normas de gênero:

No caso de uma parcela de mulheres praticantes de futebol, adepta ao corte de cabelo curto, ao uso de roupas largas e comportamento mais despojado e menos recatado, elas estão transgredindo importantes normas de gênero, por meio das quais se espera que elas sejam delicadas, graciosas e marcadamente diferentes dos homens (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017, p. 890).

A ligação entre masculinidade em corpos de mulheres e homossexualidade está também presente na monografia de Holanda Júnior (2018), que entrevistou três jogadoras, uma treinadora e uma árbitra capixabas, entre 23 e 37 anos. Janaína, treinadora, afirmou que jogadoras foram perseguidas por mães e agredidas; e complementou afirmando que "[...] não tem como negar: a maioria das mulheres são masculinizadas ou homossexuais, isso é fato visível" (HOLANDA JÚNIOR, 2018, p. 42).

¹² Neste sentido, Nonato (2020, p. 84) afirma que "o binarismo sexual e de gênero dá forma ao regime de normalidade vigente, desencorajando e punindo os sujeitos que desordenam e desautorizam o seu paradigma".

Devido à falta de dados quantitativos sobre sexualidades não-normativas, é difícil generalizar a afirmação anterior. Talvez a questão principal nem seja a de quantificarmos as lésbicas, mas percebermos o reforço a estereótipos sustentados em padrões binários sobre gênero e sexualidade.

A dissertação de Oliveira (2014), realizada em Goiânia/GO, entrevistou 16 mulheres que jogavam futebol por diversão e identificou três classificações êmicas: “sapatão” (mais masculinizadas), “perigete” e “mulherzinha” (mais femininas). Para as jogadoras, tanto “perigetes” quanto “mulherzinhas” podiam ser homo ou heterossexuais, entretanto, as características da “sapatão” seriam uma denúncia explícita de homossexualidade. Dentre os perfis de jogadoras apresentadas, destaca-se o de Amanda, que tinha 35 anos, advogada. Ela iniciou a prática do futebol aos dez anos e recebeu o incentivo da mãe apenas até contar que estava namorando outra mulher.

A pesquisa de Pires *et al.* (2019) analisa as entrevistas de oito atletas de futsal de Juiz de Fora/MG, realizadas em 2017. Uma das entrevistadas comentou sobre o preconceito às sexualidades desviantes, pois já tinha ouvido um patrocinador indagar o seguinte: “mas eu vou patrocinar um time de mulher ou é um time de sapatão?” (PIRES *et al.*, 2019, p. 124). Sapatão é um termo que pode se relacionar à homossexualidade ou à expressão de gênero masculinizada. A rejeição do patrocinador estava clara. Para ele, as mulheres deveriam performar uma feminilidade tradicional. Torna-se evidente, portanto, que os fracassos na adequação à norma resultam no apagamento de identidades de gênero e sexuais que não respeitem o “cis-tema sexo-gênero” (VERGUEIRO, 2015).

Sem pretender apresentar uma análise exaustiva dos trabalhos que tratam do tema em pauta, as afirmações aqui realizadas são possíveis ao se considerar as realidades investigadas pelos trabalhos analisados. Tanto os contextos sociais como os históricos podem influenciar na percepção e na aceitação de sexualidades não normativas. Pesquisas sobre equipes LGBP+¹³ ainda estão por despontar no Brasil e apresentar outras facetas para as quais a literatura acadêmica ainda não enfoca.

Considerações finais

Pessoas que “escapam” e divergem das normas de gênero e sexualidade auxiliam a apresentar a fragilidade dessas normas (SOARES; MOURÃO, 2017). A incompreensão em relação à pluralidade de expressões de gênero e sexualidades perpetua a reprodução de atitudes preconceituosas. Extrapolar as fronteiras da binariedade não é apenas extrapolar o binário cis/trans ou o binário homo/hetero; é visibilizar possibilidades de vida. Os atos de desobediência às normas de gênero e

¹³ A sigla LGBP+ se refere às orientações sexuais mais conhecidas: lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais e o “mais” se refere a outras (tal como assexuais). O acrônimo referente a diferentes orientações sexuais e identidades de gênero pode ser apresentado de diversas maneiras, sendo mais comum utilizar-se LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e intersexo). As divergências em relação à composição da sigla fazem parte da visibilidade de grupos sociais e estão em constante reatualização.

sexualidade demonstram que há mulheres que não aceitam passivamente a cisheteronorma, a naturalização do ideal de maternidade e/ou o casamento como parâmetros para guiar suas vivências.

A partir das pesquisas aqui apresentadas, é possível perceber que, embora as mulheres lésbicas e bissexuais possam expressar sexualidades dissidentes no futebol/futsal, em diversas situações sofrem com cerceamentos e perseguições. Visibilizar relacionamentos com outras mulheres pode ser visto como algo perigoso (para elas e para a imagem das equipes) e inclusive indesejável em alguns contextos. Entretanto, não se pode negar que, embora existam pressões externas, muitas futebolistas se sentem confortáveis em expressar nos ambientes de jogo seus desejos e afetos em relação a outras mulheres.

Em meio à adaptação mercadológica, sugerida por um crescente mercado relacionado ao futebol de mulheres, os padrões desejáveis de práticas sexuais e expressões de gênero se confrontam com as possibilidades de livre expressão presentes em jogos amadores e de lazer. Em meio a incertezas, nos resta aguardar por futuras pesquisas, para podermos compreender melhor os impactos dessa profissionalização em relação à expressão da diversidade sexual e de gênero nas diferentes práticas futebolísticas.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 284-301, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74098>.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832017000100007>

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

ESPN. **Nigéria vai banir lésbicas do futebol**. 6 mar. 2013. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/314289_nigeria-vai-banir-lesbicas-do-futebol. Acesso em: 7 dez. 2020.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Ex-ginasta Lais Souza revela ter namorada: 'Sou gay há alguns anos'**. 10 fev. 2015. Disponível em:

<https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,ex-ginasta-lais-souza-revela-ter-namorada-sou-gay-ha-alguns-anos,1632302>. Acesso: 7 dez. 2020.

FABER, Rodrigo. Após beijo, Sheik ganha aplausos, protesto e ataca: "preconceito babaca". **Globo Esporte**. 19 ago. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html>. Acesso em: 7 dez. 2020.

GARCIA, Gabriella. Lateral é a 1ª transexual a jogar no futebol feminino profissional do Brasil. **UOL**. 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/12/20/lateral-e-1-transexual-a-jogar-no-futebol-feminino-profissional-do-brasil.htm>. Acesso em: 30 dez. 2020.

GOMES, Christinne Luce. Lazer necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v.1, n.1, p. 3-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>.

HOLANDA JÚNIOR, Espedito Laerte. **Elas por elas**: jogadoras capixabas falam sobre futebol feminino, gênero e sexualidade a partir de suas trajetórias. 2018. 69f. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2018. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/espedito_junior_-_elas_por_elas_jogadoras_capixabas_falam_sobre_futebol_feminino_genero_e_sexualidade_a_partir_de_suas_trajetorias_0.pdf.

JARDIM, Juliana G. Desconstruindo gênero e sexualidade no futebol feminino: o que a experiência ensina? *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO: Subjetividade, cidadania e transfeminismo, 2013, Natal. **Anais...** UFRN, 2013, p. 863-885, 2013.

KESSLER, Cláudia Samuel. A visibilidade lésbica no futebol de mulheres: um ensaio a partir de vivências na arena esportiva. *In*: BRANDÃO, Simone; FARIA Thais (Orgs.). **Lesbianidades plurais**: outras produções de saberes e afetos. Salvador: Editora Devires, 2019.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que barbies e ogras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131770>.

KESSLER, Cláudia Samuel. **"Entra aí pra completá"**: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria - RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). 2010. 128f. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6197>.

LINO, Tayane R. Nas fissuras da história: o movimento lésbico no Brasil. **Revista Movimentação**, Dourados, v.6, n.10, p. 10-22, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/10547/6033>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Do mito de origem aos arranjos desestabilizadores: notas introdutórias. In: MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, Enrico. **Lazer de perto e de dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 12-35.

MEINERZ, Nádia E. Se essas paredes pudessem falar. **Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades**, Natal, v. 7, n. 10, p. 55-72, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/5375>.

NONATO, Murillo. **Vivências afeminadas**: pensando corpos, gênero e sexualidades dissidentes. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20169/1/2015_art_cfoliveira%281%29.pdf.

OLIVEIRA, Valleria Araujo. **Periquetes, sapatões e mulherzinhas**: (des)construindo o que é "ser mulher" no campo de futebol. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3973>.

OLIVEIRA, Caroline Silva. **Mulheres em quadra**: o futsal feminino fora do armário. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/Mulheres-em-quadra.pdf.

PARISE, Ana C. Bola em jogo: O espaço da comunidade LGBTQ+ no futebol. 13 jun. 2019. **Humanista** - Jornalismo e Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/06/13/bola-em-jogo-o-espaco-da-comunidade-lgbt-no-futebol/>. Acesso em: 1 jan. 2021.

PINTO, Maurício Rodrigues. As mulheres que fazem a Champions Ligay. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 11, 2019.

PIRES, Bárbara Aparecida, NOVAIS, Mariana Cristina Borges, TORGA, Monique; MOURÃO, Ludmila Nunes. "Sou mulher e jogo bola": questões sobre feminilidades e sexualidade de atletas de futsal. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 114-128, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/22458>.

PIRES, Breiller. As jogadoras da seleção se orgulham de suas histórias de amor. **El País**. 23 jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/22/deportes/1561209574_309053.html. Acesso em: 7 dez. 2019.

PISANI, Mariane da Silva. "**Sou feita de chuva, sol e barro**": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/pt-br.php>.

REVISTA QUEM. **Mês do Orgulho LGBTQIA+**: conheça os casais da Copa do Mundo Feminina. 19 jun. 2019. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/06/mes-do-orgulho-lgbtqia-conheca-os-casais-da-copa-do-mundo-feminina.html>. Acesso em: 7 dez. 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, nov., p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>.

ROSA, Marcelo V.; JITSUMORI, Carlos I.; BORGES, Andrey M.; RIBEIRO, Maria E. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Revista Gênero**, Niterói, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v21i1.46923>.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 559-569, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092015000400559>.

SILVEIRA, Raquel; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 179-194, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000100014>.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n.2, supl., p. 212-222, abr./jun, 2014. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/2128/1086>.

SOARES, João Paulo F; MOURÃO, Ludmila. "Corpos que escapam": performatividades de gêneros, sexualidades e a abjeção no levantamento de peso. *In*: DORNELLES, Priscila G; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria S. **Educação física e sexualidade: Desafios educacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2017. p. 73-94.

SOARES, Gilberta S.; COSTA, Jussara C. Movimento Lésbico e movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys**, p. 1-64, jan/ jul., 2012. Disponível

em:[file:///C:/Users/CasaRima/Downloads/movimento_lesbico_e_movimento_feminista_no_brasil_recuperando_encontros_e_desencontros_1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/CasaRima/Downloads/movimento_lesbico_e_movimento_feminista_no_brasil_recuperando_encontros_e_desencontros_1%20(1).pdf).

SOUZA, Marinês Matter; AIRES, Hannah; GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter; BALBINOTTI, Carlos Alberto. Mulheres no futsal: Motivos que levam à prática. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 101-108, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/26702/pdf>.

SOUZA, Maria Thereza; CAPRARO, André Mendes; SILVA, Marcelo Moraes. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 883-894, jul./set. de 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.64827>

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a06.pdf>.

UNIVERSA. "**Ser lésbica no esporte nunca foi empecilho no meu trabalho**", diz Cristiane. 10 jun 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/10/ser-lesbica-no-esporte-nunca-foi-empecilho-no-meu-trabalho-diz-cristiane.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 7 dez. 2020.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>>.

Endereço para correspondência

Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Roraima, nº 1000. CESH II, prédio 74, 2º andar, sala 2211.
Cidade Universitária. Bairro Camobi. Santa Maria - RS.
CEP: 97105-900.

Recebido em:

04/01/2021

Aprovado em:

19/01/2021